BARÃO DE STUDART

DJACIR MENEZES

Na serena tarde luminosa de 20 de setembro de 1938, os sócios deste Instituto, a família e os amigos levavam ao túmulo o mais glorioso de seus filhos. Glória feita de luz que jamais se apagará do horizonte cearense. Glória de um homem que a conquistou à sua banca de trabalho, mergulhado nos documentos e crônicas antigas, com a paciência do sábio, em longas horas de silêncio e de estudo, labor fecundo de investigação e de amor, devassando os caminhos de nossa história colonial que amanhecia naqueles papéis cheios de passado.

Meu saudoso e ex-mestre Martinz de Aguiar propusera o nome do mais novo para trazer a saudação de despedida ao mais velho. Neste instante, porém, é o mais velho no vosso convívio que recorda nesta sala instalada e inaugurada por Martins Filho, sob a evocação de tantas figuras para sempre ausentes, muitos dos quais estiveram à beira-túmulo naquela tarde de setembro, fraternizando no culto da mesma saudade, aurora perene sobre o berço natal, sorrindo em paisagens que dormem na ternura invisível na alma dos mais velhos, recantos do Pajeú, de Marajaitiba, de Precabura, da Maraponga, das nesgas bucólicas que enterneciam a alma de Gustavo Barroso, que enchiam d'água os olhos de João Paulino, de Teodorico da Costa, de Antonio Beserra, de Júlio Cesar da Fonseca, de Eusébio de Souza, de Álvaro Bomílcar, de Leonardo Mota, de Soares Bulcão, para falar somente naqueles que ficaram no círculo visual de minha admiração.

A data, porém, que celebramos agora, deslinda-nos a claridade de um exemplo glorioso. Não importa o número dos que se acercam desse 5 de março histórico, porque não está no espírito de nossa Instituição a valoração do *quantum*, mas a significação do *quale*, que é o sabor da velhice filosófica dos que não se enrolam em mortalhas de crepúsculo mas sentem na história o renascer perene das gerações.

Qualquer página de um homem como o Barão de Studart traz o Ceará à fragrância de seu berço. E desatam-se as vicissi-

tudes da posse da terra, a arrogância dos capitães-mores, dos ouvidores, às refregas contra o gentio, clans e sesmarias em ebulição, às rivalidades daquelas "almas de lama e de aço" de que nos fala o autor da *Terra de Sol*, tão enamorado dos sons desta terra.

* * *

Perdoem-me se por vezes digo alguma coisa sobre mim mesmo. Confesso, porém, o acanhamento com que o faço, pois ainda não me rendi à sedução de egocentrismo senil. Todavia, para falar do Barão de Studart devo mencionar como entrei no Instituto a seu convite, aos 23 anos, ainda noivo da linda criatura que me suporta há cinqüenta e quatro anos e cujo recasamento foi reabençoado pelo meu querido amigo Helder Câmara, comemorando meio século de felicidade, na mesma igreja, no mesmo altar, na mesma hora, no mesmo dia, com o mesmo padre, com a aquiescência do venerando Dom Ivo Lorscheiter, ao qual, ingratamente, nunca agradeci como devia.

A razão de minha surpresa ao receber tão eminente convite do Barão para a vaga de José Carvalho, por intermédio de Carlos Studart, então catedrático do Colégio Militar do Ceará, se originava do fato de ser um recente doutorado da nossa Faculdade de Direito e ter participado, desde os 17 anos, de um jornalismo revolucionário e anticlerical que acabou sendo excomungado por três respeitáveis antístites. Pois foi esse escritor *frondeur*, cercado ainda pela desconfiança dos espíritos conservadores e que rosnaram em surdina nos meus dois contos aqui bem sucedidos (dizem que Deus protege os inocentes, mas quando estudam, acrescento agora). Uma coisa cumpre registar: sempre tive examinadores dignos e com isso digo tudo.

Ao Barão devo a honra de ter sido algum tempo o "benjamin" do mais eminente sodalício de minha terra. Dois prêmios enchem de alegria: a entrada no Instituto e, recentemente, a recepção da "sereia de ouro" e da "coruja" pela atividade que foi o signo de toda minha vida: o magistério. Nesta última oportunidade, telegrafa-me o velho e afetuoso amigo Afonso Arinos que desejaria que fosse mineiro. Ao que lhe respondi dias depois: "não tenho a honra de ser mineiro, mas tenho o privilégio de ser cearense."

Atalho logo uma pergunta que já me fez um amigo da onça: por que razão V., suspeita de heresias e espírito irrequieto, foi lembrado para a atmosfera tão conservadora do Instituto? Na ocasião, despistei: "porque Deus escreve certo por linhas tortas". Agora, entretanto, conto a verdade. José Sombra, em 1925, fora meu professor de Filosofia, no quinto ano do curso integral, no Liceu do Ceará, no chamado então "curso de hu-

manidades", que ainda existia paralelo ao "curso avulso". Ao sair a edição de O PROBLEMA DA REALIDADE OBJETIVA, em 1932, impressa na Tipografia Gadelha e paga por meu Pai, trazia dedicatória a memória de José Sombra, enteado queridíssimo do Barão. Foi a afeição entre Mestre e discípulo que tocou o coração do patriarca da história cearense, e abriu estas portas que me eram tão longínquas.

Talvez o contraste entre nossos temperamentos especulativos fosse precisamente a razão essencial que me manteve, já nos bancos acadêmicos, vida afora, em afetuosa dissensão com a filosofia kantiana, que em José Sombra se embebia no mais amorável espírito cristão, apanágio de sua luminosa personalidade.

As minhas leituras vinham de outro ponto do horizonte: eram o positivismo de Comte, o biologismo de Le Dantec, o materialismo de Heckel, da literatura francesa, do darwinismo, de Ingenieros, de marxismo e mais tarde de Hegel, do germanismo e da filosofia matemática de Bertrand Russel. Este ainda me povoa a mente neste entardecer da vida com a mensagem corajosa do pacifismo que o levou à prisão.

Deixei-me levar pelo sentimento e daí a desorientação deste evocar de emoções e de idéias. Ponham-na à conta da sinceridade na tentativa de realçar-lhe o perfil socrático. Ele mesmo frisou delicadamente nossas diferenças no prefácio de 1932 para a *plaquette* DIRETRIZES DA EDUCAÇÃO NACIONAL: ali não falava um pedagogo abordando friamente problemas nacionais, revestido de imparcialidade e de técnicas eruditas, mas um jovem ainda impregnado de generosa combatividade jornalística movido por uma pedagogia atuante. Estou citando de memória, não tive à mão o texto ao redigir este discurso gratulatório e deserudito.

* * *

Neste afetuoso desalinhavo, que poderia ainda dizer do Barão que este luzido escol de cearenses não tivesse ouvido, lido ou escrito? O longo e lúcido labor do Barão corrigiu erros que a tradição perpetuara, clareou episódios que o facciosismo nublara, revelou grandezas e pequenezas desfeitas pela radiação da justiça histórica que moveu a sua mão. Também sabeis que o Barão, na clara modéstia de seu viver, na singeleza da velha cidade dos fins do século passado, chegou a montar, nos fundos de sua residência, uma tipografia-editora, para publicar trabalhos seus e do Instituto, que a posteridade deveria receber de joelhos se por acaso a tocasse o resplendor de uma gratidão que o tempo não apagará jamais?

O título nobiliárquico de Guilherme Studart não é uma herança, é um privilégio muito mais alto na ordem dos valores morais, porque é a láurea conferida por Leão XIII à sua ação filantrópica coroando a dignidade de uma existência.

A última sessão que o Barão presidiu foi a 20 de agosto de 1938. A seguinte, após sua morte, abriu-a o desembargador Álvaro de Alencar, que recusaria a presidência efetiva. Eram treze os consócios presentes ao prélio — e nela foi eleito um dos nossos maiores estudiosos, o sábio Tomás Pompeu Sobrinho. Insigne conhecedor da história colonial, da etnologia, da antropologia e da lingüística indígenas, era, a exemplo do tio Tomás Pompeu de Souza Brasil, uma mentalidade enciclopédica. A sua tese *Fatores Geográficos da Autonomia Nacional* deu-lhe renome definitivo no país. Nessa altura, já estava o sábio na plena posse dos predicados intelectuais que o impuseram nacional e internacionalmente. Transcrevi em dois números sucessivos da *Revista de Ciência Política*, da Fundação Getúlio Vargas, que tenho a honra de dirigir com Mestre Afonso Arinos de Melo Franco, aquele estudo que marca a fase científica da historiografia brasileira.

Pompeu Sobrinho continuava a linhagem do velho Tomás Pompeu de Souza Brasil. Este era capaz de abordar qualquer problema de história, de sociologia, de crítica literária e religiosa, de filosofia, a qualquer solicitação circunstante. Era, sobretudo, um espírito livre — e era essa atitude altaneira que nos cativava. A minha geração era estudiosa e ardente. Provincianamente ardente nos seus ideais universalistas. Walter Pompeu, Aloísio Coimbra, Josaphat Linhares, Sócrates Bonfim, Ubatuba de Miranda, Moésia Rolim, adoravam os encontros com o velho fundador da Faculdade Livre de Direito, nos baixos da Assembléia Legislativa, frente à praça General Osório.

Tomás Pompeu era a voz sobrevivente da geração criadora de Raimundo Antonio da Rocha Lima, de João Lopes, de Capistrano, de Soriano de Albuquerque, colaboradores do jornal maçônico FRATERNIDADE — e polemicara na imprensa e na política. Neste ensejo, renovarei o agradecimento a dois consócios, Braga Montenegro e Albano Amora. Este, uma presença viva entre nós, o outro, uma viva saudade nos nossos corações.

É tempo de encerrar estas evocações daquele velhinho suave, irradiando saber, que encarnou o esforço de veracidade no perquirir nosso passado. Por isso, vou pedir a Capistrano o fecho dessa alocução descolorida. Escreveu ele em carta ao Barão:

"Ontem, recebi outra carta atrasada com a má notícia de estares sofrendo da vista. Espero tenhas melhorado, ou antes, ficado bom. Teus olhos são necessários ao Ceará; não os descures."

E eu fiquei pensando, senhores, que é através daqueles olhos que a geração de hoje contempla o Ceará de ontem e sonha com o Ceará de amanhã.